

Processos formativos: o papel da linguagem e leitura na alfabetização e letramento

Formative processes: the role of language and reading in literacy and literacy

DOI:10.34117/bjdv7n8-183

Recebimento dos originais: 09/07/2021

Aceitação para publicação: 09/08/2021

Renata Alessandra dos Santos Ribeiro

Mestre em Educação (UNIUBE); Especialização em Ensino de Artes Visuais (UFMG);
Graduada em Licenciatura Plena Letras Port/Inglês (UNIUBE), Professora da Educação
Básica na rede municipal de ensino em Uberaba- MG
E-mail: renatinha.life@hotmail.com

Bruna Carla Rodrigues de Oliveira

Mestre em Educação (UFTM); Especialização em Psicopedagogia (Faculdade de
Itanhaém); Graduada em Pedagogia (UFMG), membro do Grupo de Estudo e Pesquisa
em Educação e Cultura (GEPEDUC); professora alfabetizadora na rede estadual e
professora formadora na rede municipal de ensino em Uberaba- MG
E-mail: bruna.carla@edu.uberabadigital.com.br

Rejane Isabel Ferreira

Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública (UFJF) Especialização em
Psicopedagogia (Passo 1) Especialização em Educação Especial - deficiência auditiva
(UNIRIO). Graduação em Pedagogia (Uniube). Gestora escolar na rede estadual de
ensino de Uberaba –MG
E-mail: rejane.isabel@educacao.mg.gov.br

RESUMO

Este texto apresenta-se como uma pesquisa científica sobre o papel da leitura enquanto uma linguagem essencial na/para a vida e como o governo e demais autoridades da educação estão atendendo a demanda de formar leitores capazes, ativos, por meio de programas e políticas públicas que favoreçam a formação de professores, contribuindo para a capacitação destes, conseqüentemente para a diminuição do analfabetismo absoluto e funcional. O intuito de compreender a leitura enquanto uma linguagem, adquiriu novos conceitos e destaque com o passar dos anos. Em um mundo globalizado, em completo movimento e transformação para no qual o homem vive e convive, são necessárias muitas competências e habilidades. A escola enquanto uma instituição formadora, o docente agente principal quanto a responsabilidade de uma educação de qualidade que visa a democracia, necessita inovar sua prática ao fazer uso da leitura bem como de outras linguagens que despertem em seus alunos o interesse, impulsione autonomia, a criticidade, a capacidade de compreender situações problemas bem como de solucioná-los. A formação de professores faz parte do processo ao longo da vida do professor, então destacamos a importância da investidura e trouxemos alguns programas de formação continuada de professores, com ênfase na alfabetização e letramento.

Palavras-Chave: Linguagem, Alfabetização, Letramento, Leitura, Formação de professores.

ABSTRACT

This text presents itself as a scientific research on the role of reading as an essential language in / for life and how the government and other education authorities are meeting the demand to train capable, active readers, through programs and public policies that favor the training of teachers, contributing to their training, consequently to the reduction of absolute and functional illiteracy. In order to understand reading as a language, it acquired new concepts and stood out over the years. In a globalized world, in complete movement and transformation for which man lives and coexists, many skills and abilities are needed. The school as a training institution, the main agent teacher as the responsibility for a quality education that aims at democracy, needs to innovate its practice by making use of reading as well as other languages that arouse interest in its students, boost autonomy, criticality, the ability to understand problem situations as well as to solve them. The training of teachers is part of the process throughout the life of the teacher, so we highlight the importance of investiture and brought in some programs for continuing teacher education, with an emphasis on literacy and literacy.

Keywords: Language, Literacy, Literacy, Reading, Teacher Training.

1 INTRODUÇÃO

O homem está imerso na vivência em sociedade, para sua interação como os outros semelhantes, faz o uso da linguagem. Esta permite a ele revelar seus desejos, sentimentos, necessidades, opiniões e participar de trocas de informações que objetivam a ampliação da visão de mundo. A cada mensagem transmitida é compartilhado o discurso com diferentes finalidades tais como: informar, entreter, persuadir, emocionar, entre outros. A linguagem é um fenômeno de suma importância utilizada para a comunicação, gera ações e reações no meio social. Segundo Brandão:

Como mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engaja-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. (Introdução à Análise do Discurso, p. 12, 2002)

Dentre os vários tipos de linguagem existentes, a leitura se destaca por ser uma capacidade crucial para todas as pessoas e potencializar a aquisição de informações sendo instrumento indispensável da reflexão crítica. A problemática sobre valorização social da leitura e a preocupação com o acesso a recursos, para que ler se torne uma atividade

frequente, está entre alguns dos focos das políticas educacionais vigentes sendo abordada na formação de professores.

Além do que os educadores devem desenvolver competências polivalentes para atuarem com seus alunos auxiliando estes a um melhor desempenho escolar, os docentes devem realizar atividades constantes de leitura e certificarem que os alunos obtenham estratégias apropriadas à compreensão, à metacognição e à autocorreção, para que com isso o maior desafio da educação seja vencido, alfabetizar todos os brasileiros desde o início de sua escolaridade.

Enfatizamos neste contexto, a importância da formação de professores, e a necessidade da valorização dos governantes em investir nas políticas educacionais para que atinjam um ensino de qualidade e tenham melhorias dos resultados na escola.

Para que haja uma formação de professores que atendam os professores, é imprescindível o diálogo entre os idealizadores e o investimento em relação a formação inicial e continuada dos professores. Ressaltando que sempre houve preocupação de como o docente possa investir em seu desenvolvimento profissional e que possa colocá-la em prática no espaço escolar.

Para Marcelo (2009, p.9), o desenvolvimento profissional é uma denominação para que o professor perceba ele como um profissional, sempre em busca de novos conhecimentos, portanto quando:

[...] pensamos que a denominação desenvolvimento profissional se adequa melhor à concepção do professor enquanto profissional do ensino. Por outro lado, o conceito “desenvolvimento” tem uma conotação de evolução e continuidade que, em nosso entender, supera a tradicional justa- posição entre formação inicial e formação contínua dos professores.

Então podemos afirmar que a formação continuada de professores, em qualquer etapa se faz necessário para a amplitude de seus conhecimentos. Assim, quando refletimos sobre o professor e sua prática, pensamos nos desafios que enfrentam, e um destes desafios, é o docente estar em constante movimento de conhecimento e troca de experiência com os colegas de profissão e alunos.

Para explicitar o cenário do contexto histórico da formação de professores, Saviani (2009, p.153) reforça, que a profissão docente, veio acompanhada com vários desafios, e afirma que: “a questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente. ”. Desse modo, devemos refletir, que nos dias atuais, o momento em que estamos vivemos, em meio a pandemia

causado pelo vírus COVID-19, é inegável o fato de que a profissão docente possui múltiplas funções e conseqüentemente o docente deve ampliar seus conhecimentos e superar os desafios encontrados durante este período.

Por surgir imprevistos e desafios na carreira docente, é que Gatti (2010, p. 176) destaca que: “a formação de professores tem que ser pensada como um aprendizado profissional ao longo da vida, isso implica envolvimento dos professores em processos intencionais e planejados, que possibilitem mudanças em direção a uma prática efetiva em sala de aula”. Podemos reforçar então, que a formação docente deve ser uma prática processual em busca de conhecimentos e em constante movimento, para reinventar sua prática pedagógica.

Com o propósito de oferecer uma percepção contextualizada da leitura enquanto linguagem que favorece a aquisição do saber em todos os aspectos levando o indivíduo a ampliar suas capacidades e percepção de si, do outro e do mundo, evidenciando as contribuições do governo em relação a capacitação e valorização do docente para que em um trabalho coletivo possamos reger com maestria a educação de que tanto precisamos no nosso país vencendo as amarras e dificuldades que a falta da instrução escolar traz para a população.

Neste sentido, o trabalho tem a finalidade de evidenciar a importância da formação de professores para que ampliem seus conhecimentos e construam novas formas de ensinar, bem como, abrir discussão sobre o que tem sido ofertado aos docentes para sua capacitação nas questões de abordagem da leitura advogando-a como uma linguagem transformadora, vinculada a erradicação do analfabetismo. Ao tratar sobre a questão do analfabetismo torna-se relevante a reflexão sobre alfabetização e letramento como processos que precisam estar relacionados na prática docente.

A realidade mundial evidencia a precariedade da alfabetização pelo fato de que indivíduos com certo grau de escolaridade serem incapazes de compreenderem enunciados simples. Encontramos assim a questão fundamental de os professores saberem conceituar alfabetização e letramento. Paulo Freire destacou a importância destes dois processos falando da possível conexão entre o mundo da escrita e o mundo real, propõe em sua teoria que o professor inicie seu trabalho pedagógico com o aluno a partir do que é concreto e real para o sujeito, da vivência que este traz, utilizando então os mecanismos da alfabetização. Pois assim a aprendizagem será significativa e para a vida.

De acordo com Freire (1996), quanto mais ampliar a visão de mundo consequentemente mais o indivíduo se liberta da opressão, modifica seus pensamentos e passa a ter visão crítica do mundo a sua volta. Portanto, Freire (1996, p. 14) aponta que: “(...) percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.” Ter uma visão crítica da realidade e dos discursos que a permeiam é indispensável para que o indivíduo possa compreender fatos e realizar ações conscientes que levem a transformações para seu crescimento pessoal e também coletivo dentro da comunidade em que está inserido. Assim o professor precisa também conhecer a realidade de seus alunos para que possa realizar com estes o exercício de reflexão pertinentes para sua vida prática.

Para discutirmos os pressupostos citados acima, utilizamos como método de pesquisa a revisão bibliográfica, onde realizamos várias leituras acadêmicas para buscarmos, assim compreensão dos processos formativos e a formação continuada dos professores, e como as pesquisas em torno da linguagem, leitura e alfabetização estão sendo destacadas. Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica proporciona que levantemos os estudos feitos acerca de temas nas quais buscamos. Assim, a pesquisa:

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Portanto, a pesquisa bibliográfica nos auxilia a buscar informações através de pesquisas feitas, a fim de corroborar com diversos autores.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E LEITURA

Dentre as inúmeras e surpreendentes capacidades com as quais o ser humano é dotado merece destaque a linguagem enquanto meio de comunicação e informação entre os povos. Por meio desta capacidade o homem compreende, organiza e renova o mundo, verbalizando pensamentos, sentimentos e emoções ao longo da vida. Constituindo-se como um canal aberto de comunicação a linguagem possibilita inúmeras reflexões e abordagens, tornando seu debate necessário e atual entre pesquisadores.

Ao serem utilizados, os sentidos e os significados em um processo comunicativo, Carvalho (2003, p. 284) afirma que “ num certo horizonte de significação são colocados em risco na ação, tanto pela conjuntura histórico-cultural presente quanto pelo valor intencional subjetivo de seu uso pelos sujeitos ativos”. Nesse contexto, o processo de comunicação que se dá pelo uso da linguagem, perpassa a compreensão dos sentidos que foram emanados de um interlocutor ao outro, configurando um todo mergulhado no valor subjetivo que a mensagem tem para cada um dos sujeitos comunicadores (falante/ouvinte ou autor/leitor).

Neste vasto campo parafraseando Geraldi (1997, p.6-7), o processo entre língua, sujeito e interação é concomitante. A língua apresenta constante construção e desenvolvimento no exercício interlocutor, que desencadeia necessidades específicas durante a socialização entre os sujeitos e o meio, as relações interpessoais se dão como processos constitutivos de identidade, atuantes na formação de cada um. Cada sujeito é um ser social que se constrói na/pela linguagem. Esta por sua vez dissemina a personificação do mundo exterior, emprega o conhecimento de outros e a própria regulação intrínseca do indivíduo. Conquistando assim perspectiva de alargar formas complexas de reflexo da realidade e mais elevadas quanto a regulação de conduta, as quais passam progressivamente a serem interiorizadas. Conforme Vygotsky, (1989, p.66) O que é o homem? Para Hegel, ele é um sujeito lógico. Para Pavlov, é uma soma, um organismo. Para nós, o homem é uma pessoa social -um agregado de relações sociais, corporificado num indivíduo.

Segundo Bahktin (1992, p.90) a língua estabelece muitas formas de interação com o mundo, com as pessoas e com diversos diálogos que são enunciados ininterruptos. Enquanto fenômeno social a linguagem torna a língua inseparável do fluxo da comunicação verbal, a palavra se apresenta em múltiplas enunciações e os sujeitos compreendem e reagem despertando ressonâncias ideologias ou concernentes à vida.

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva, e lançarmos sobre a língua um olhar digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua (BAKHTIN, 1992, p. 90)

As experiências das gerações passadas através da história norteiam o trabalho e a vida no presente. Desenvolvendo um trabalho social e simbólico de produção de signos e sentidos, a linguagem é um produto histórico, objetivado e constitutiva do homem. Nessa

construção depreende-se um ser histórico que em suas interações sofre tensões sociais e mentais constantes que oportunizam várias posições e papéis na sociedade, podendo o indivíduo controlar/resistir tanto a si mesmo como a outros. Nesta perspectiva, o homem não é simplesmente produto das circunstâncias, mas agente ativo que modifica as circunstâncias as transformando e se transformando dentro de um cíclico movimento de produzir e se produzir por meio da linguagem.

A leitura é uma linguagem enquanto prática social que contribui na formação e desenvolvimento dos indivíduos, uma capacidade crucial na interatividade e na intertextualidade discursivas. Para LEFFA (1996, p.15) a leitura possui uma riqueza quanto a experiência que propicia ao leitor ao processar o texto, desencadeando na mente desse leitor uma série de acontecimentos, indo seu valor para além dos clássicos de leitura. Além de acordo com Fuza (2010, p. 8) a “prática da leitura é uma das responsáveis pelas relações sociais entre os sujeitos, uma vez que possibilita o acesso do indivíduo ao mercado de trabalho, além de promover a reflexão sobre diferentes realidades e favorecer a formação de um leitor-sujeito crítico.”

3 PROSPERIDADE DA LEITURA: DE ATIVIDADE PASSIVA PARA PRÁTICA ATIVA

Na antiguidade a leitura era utilizada para declamar em voz alta a palavra falada materializada em uma escrita com símbolos pictóricos, semelhantes à pintura, escrita cuneiforme criada pelos sumérios e os hieróglifos no Egito antigo. Por ser do domínio de poucos, não havia uma real comunicação visto que os escritos não eram lidos pela maioria da população. A aristocracia da época conferia a leitura e a escrita um status de poder mas não de entendimento mútuo, ela se bastava como algo importante e incontestável naquela época, sendo utilizada como ferramenta a favor dos nobres para propagar sua autoridade e destaque por meio de exibicionismos que distinguia os grupos sociais e segregava os pobres dos ricos.

A leitura consistia em uma prática oral por meio de apresentações públicas, em sua maioria feitas à luz do dia, diferentemente da prática leitura individual e silenciosa, foi um longo caminho até a leitura solitária ser disseminada entre leitores. Os primeiros indícios dessa prática aparecem durante o período da Idade Média e é mostrada como uma leitura recomendada pelos ativistas da Escola Nova, no século XX, na atualidade é um exercício comum e indispensável entre os leitores contemporâneos.

Como elucidada Manguel (2009, p.64), a escrita primitiva “não separava palavras, não distinguia maiúsculas e minúsculas nem usava pontuação – servia aos objetivos de alguém acostumado a ler em voz alta, alguém que permitiria ao ouvido desembaralhar o texto”. Ler não era uma tarefa fácil, para tanto o leitor-escriva passava a decifrar a palavra que para eles eram algo costumeiro e muitos decoravam os textos dos quais iriam realizar a leitura ou fazer uma transcrição. Com o decorrer dos séculos foram acontecendo as convenções da linguagem escrita como por exemplo, o uso de pontuação e separação de sílabas.

No século XVII, as demandas socioeconômicas causam exigências maiores que a mais que catequização nas escolas, leituras que eram em sua grande maioria voltada para os escritos cânones do sagrado e da autoridade em uma prática marcada pela memorização e repetição foram ultrapassadas por leituras mais livres e despreziosas. Nesse novo cenário, a escola é concebida espaço transmissão dos saberes, para aprender a ler, escrever e contar, apoiando-se também na oralidade e na repetição de exercícios.

Entre outros fatores a invenção da imprensa enfraqueceu a oralidade e levou a uma grande produção de impressos como: jornais, folhetim, romances revistas, influenciando e favorecendo o surgimento de um novo público leitor que gozava de um acesso como nunca antes ocorreu a escritos e a livros. Incorreu em meados do século XIX, uma popularização da leitura dada pela imprensa ao tornar a leitura mais acessível a um maior número de leitores que a consideravam um instrumento de arte. Neste momento também acontece a com a expansão do ensino público.

O século XX, trouxe inovações por meio de instrumentos que revolucionaram as práticas de leitura e de escrita: os computadores, tablets, celulares e demais dispositivos eletrônicos com os quais todos passaram a conviver nos dias de hoje. Mudanças nas práticas de leitura, são necessárias e desencadeiam novas maneiras de ler, o que incorre em mudanças nas práticas escolares de leitura, ainda que a leitura em suportes impressos esteja presente no cotidiano escolar. A leitura é a base do currículo escolar e já que está é o caminho para o conhecimento os alunos são avaliados pela capacidade de ler que possui.

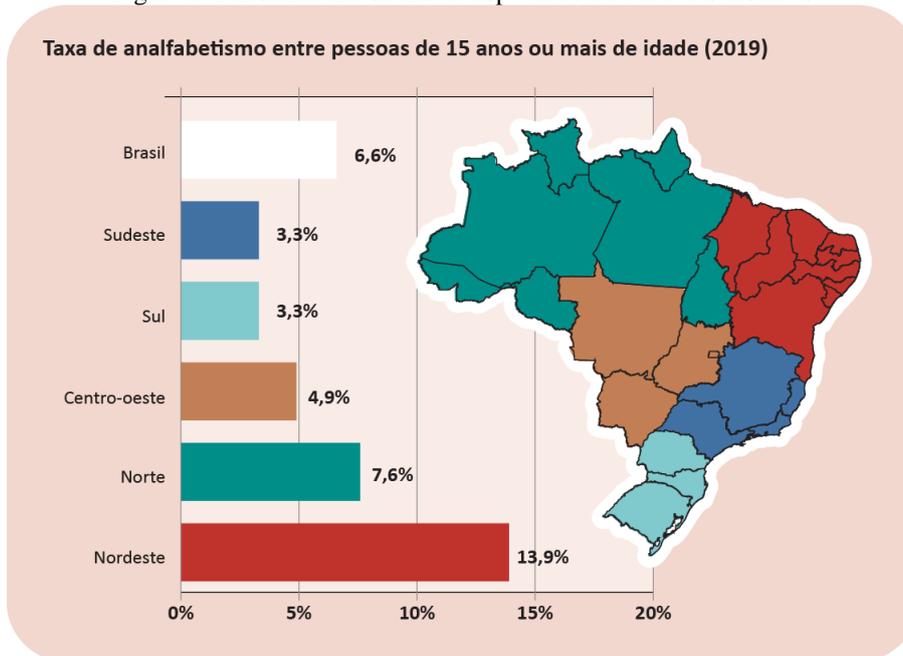
Na atualidade pode se afirmar que a leitura como evoluiu com as técnicas e as tecnologias de sua escolarização. Com o avanço da tecnologia que possibilitou a transmissão eletrônica dos textos passa-se a criar uma nova maneira de ler, e uma variedade de gêneros textuais com grande avanço na transmissão desses textos até os leitores. Fischer (2005 p.11), aponta que:

No início, ela consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado. Mais tarde, passou a significar, quase de modo exclusivo, a compreensão de um texto contínuo com sinais escritos sobre uma superfície gravada. Mais recentemente, incluiu também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica. E a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer outra aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade.

Em pleno século XXI a leitura se tornou uma linguagem indispensável a todos na vida em sociedade, tamanha sua proporção de amplitude dimensional por meio de poder como acesso a informação, capacitação para o trabalho, partilha com aqueles que estão ausentes, alegria e recreação. Fonte inesgotável de aprendizagem e conhecimento capaz de ampliar a visão de mundo dos indivíduos, ultrapassando barreiras de espaço e tempo. Trata-se de uma competência complexa porém crucial na vida de todo cidadão. Pensada como um princípio de democracia se mostra como uma possibilidade de acionar mudanças nos sujeitos na sua forma de pensar, de interpretar e de agir. Os planos e projetos desenhados nesse tempo afiançam, o crédito debitado a leitura como uma capacidade transformadora e libertadora.

A leitura confere ao ser maior autonomia e capacitação. Charmeux (2000) e Allende e Condemarín (2005), explanam sobre a relação entre a compreensão leitora do aluno e o sucesso ou fracasso escolar. Para os autores os bons leitores tendem a solucionar problemas e assumem uma postura crítica diante da realidade e são favorecidos quanto ao êxito de seus estudos. Dada a importância da leitura enquanto uma linguagem crucial para o ser humano, o debate na educação sobre como se encontra a realidade dos alunos referentes ao domínio da habilidade de ler e escrever e algo a ser indagado. As respostas serão o caminho para a compreensão da atual realidade e busca de soluções para assegurar uma educação pública de qualidade para todos e escrever uma nova história ao constituir uma sociedade renovada através de transformações sociais, mais justa e igualitária, exequível pela capacidade desenvolvida do ato de ler. Apresentamos o Panorama Brasileiro e suas perspectivas e realidades distintas sobre as taxas de analfabetismo, na figura a seguir.

Figura 1: Panorama Brasileiro: Perspectivas e realidades distintas



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Fonte: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>

Dados referentes ao segundo trimestre de 2019, divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua, (Pnad Contínua) e o IBGE revelam que houve em 2019 queda do índice de analfabetismo no Brasil, entre as pessoas na faixa etária de 15 anos ou mais, passando de 6,8%, em 2018, para 6,6%, em 2019, de. O que corresponde a uma atual queda de pouco mais de 200 mil pessoas analfabetas em 2019.. Embora se tenha atingido certo avanço ao longo do tempo pela baixa percentual na taxa de analfabetismo, há muito o que se fazer visto que no território brasileiro 11 milhões de pessoas são analfabetos. Destes, está a população adulta com 60 anos ou mais representando 18%, o índice mais alto.

Além do analfabetismo absoluto há o indicativo mais abrangente do analfabetismo funcional, que em 2018 de acordo com o Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) de, cerca de 30% da população entre 15 e 64 eram considerados analfabetos funcionais. Incapazes de entender ou interpretar enunciados por não fazer uso necessário e adequado da linguagem nas atribuições cotidianas lhe faltando competências necessárias também para viabilizar desenvolvimento pessoal e profissional, mesmo sabendo ler e escrever textos curtos e simples. Esta parte das populações é classificada pelo IBGE entre determinada idade com grau de escolaridade de até 3 anos em relação ao total de pessoas com a mesma faixa etária.

Entre os documentos que regem a educação brasileira, O Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 13.005/2014, estabelece metas para o ensino no Brasil, a serem cumpridas entre 2015 e 2024 para o avanço da educação desde o ensino infantil, até a pós-graduação. Contemplando na meta nove, que é elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e erradicar, até 2020, o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional.

No que concerne à educação das crianças pequenas, o PNE tem por meta até 2024 alfabetizar todas as crianças no máximo até o final do terceiro ano do ensino fundamental. A Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), visando aferir aos níveis de alfabetização e letramento das redes públicas aplicou avaliação censitária direcionada a crianças, em 5.545 municípios, 48.860 escolas e 106.575 turmas. O dado colhido com a avaliação evidenciou, em 2016, a porcentagem de apenas 45,3% das crianças alcançaram a aprendizagem adequada em leitura, um total de 66,1% em escrita e de 45,5% em matemática. Segue a tabela com os números de acordo com Assessoria de Comunicação Social do INEP (2016).

Figura 2: Avaliação Nacional da Alfabetização

AVALIAÇÃO NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO 2016			
Estado	Municípios	Turmas	Alunos
AC	22	586	16.198
AL	102	2.009	53.179
AM	62	2.559	71.950
AP	16	618	15.697
BA	417	8.521	201.065
CE	184	4.477	109.367
DF	1	1.564	36.450
ES	78	2.211	53.947
GO	244	3.100	83.200
MA	217	4.237	104.958
MG	852	11.735	284.749
MS	79	1.682	45.222
MT	141	1.978	47.386
PA	144	5.935	152.402
PB	222	2.048	47.416
PE	185	4.555	118.554
PI	223	2.045	48.494
PR	399	6.034	149.877
RJ	92	6.509	171.096
RN	167	1.506	35.804
RO	52	1.545	40.412
RR	15	316	7.719
RS	477	6.026	134.670
SC	295	3.713	89.256
SE	75	1.279	31.218
SP	645	18.838	532.919
TO	139	949	24.143
Total	5545	106575	2707348

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36188> acesso em 27 de fev. 2021.

4 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA HARMONIZAÇÃO NECESSÁRIA NA PRÁTICA DOCENTE

Destacamos nesta seção a Alfabetização e letramento, tema muito discutido nos meios acadêmicos por ser muito importante para o processo de construção da escrita pelas crianças.

A alfabetização e letramento, é um tema abrangente, pois quando pensamos em alfabetização, nos remete a associar sempre a linguagem oral e escrita, mas alfabetizar e letrar é mais que isso. A alfabetização e letramento são indissociáveis, pois ambos vão acontecendo no decorrer de seu aprendizado, e a criança pode ser alfabetizada em várias áreas do conhecimento, desde ter noção dos dias da semana, das fases da lua.

Assim, compreendermos que estar alfabetizado é ampliar além de saber do código escrito, é saber a função social dos atos de escrever e ler, é realizar a leitura e o uso da escrita em diversos momentos do seu cotidiano, é ser capaz de ler e compreender um livro, uma revista, jornal, dentre outros meios de leitura. Ler e escrever não é apenas juntar as sílabas, mas ser capaz de compreender seu lugar no mundo, conseguindo explorar a cultura e conseguir opinar naquela leitura e desenvolver o senso crítico.

Para Soares (2004, p.98), a alfabetização é um processo de vivenciar o mundo antes mesmo do contato com o espaço escolar. Então, Soares (2004, p. 98) diz que a “alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever, alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”, podemos afirmar que alfabetizar é letrar, alfabetizar é em matemática, em ciências, história, geografia, artes, ensino religioso, alfabetizar é multidisciplinar.

E Soares (2004, p.97), conceitua o letramento como uma forma de:

[...] linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita.

As precursoras de pesquisa em Alfabetização, Ferreiro e Teberosky (2011, p.45) destacam que: “Para descobrir como uma criança consegue interpretar e produzir escritas muito antes de chegar a escrever ou ler no sentido convencional do termo criamos situações experimentais e utilizamos o método clínico ou de exploração crítica”. Então, versamos que cabe ao professor por meio de estratégias fazer com que as crianças vivenciem e experimentem descobertas no decorrer de seu processo de alfabetização.

Por isso, os cursos de formação voltados para a Alfabetização e letramento estão cada vez mais em destaque e um olhar atento do poder público para tal necessidade.

Elucidamos, que o governo federal em parceria com as universidades federais, desenvolvem cursos de formação de professores, com a finalidade de auxiliar no processo de alfabetização. Como por exemplo, o programa do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, criado Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, com o objetivo de alavancar os números de crianças alfabetizadas no Brasil, e pactuando que até os 8 anos já tivessem lendo e escrevendo. O programa tinha abrangência em todo o Brasil e atendia professores que atuavam no ciclo de alfabetização: 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I, e com ênfase em várias áreas como: Linguagem oral e escrita, Matemática, Ciências da natureza, História e Geografia, Artes.

O PNAIC teve início no ano de 2013 e terminou em 2018, sendo que o último ano, enfatizou a dar-se formação também para professores que atuam na Educação Infantil.

Neste ano de 2020, em tempos pandêmico, surgiu o programa “Tempo de aprender”, criado pelo governo federal, pela portaria nº 280, de 19/02/2020, com o objetivo de obter melhorias em relação a alfabetização nas escolas públicas, abrangendo todo o Brasil.

Para atingir o objetivo proposto o programa “Tempo de aprender”, investiu na formação de professores alfabetizadores, dividindo o curso em quatro eixos: 1º eixo Formação continuada de profissionais da alfabetização, 2º eixo: Apoio pedagógico para a alfabetização, 3º eixo: Aprimoramento das avaliações da alfabetização e último 4º eixo: Valorização dos profissionais da alfabetização, por meio da instituição de premiação para professores alfabetizadores. Este programa tem o formato de atender todos os professores alfabetizadores, mas com ênfase na Educação Infantil: Pré-escola, idades de 4 / 5 anos e Ensino Fundamental I: 1º e 2º anos.

Por conta da Pandemia, o curso foi oferecido totalmente a distância pelo sítio¹ do Ministério da Educação – MEC em parceria com a Política Nacional de Alfabetização – PNA.

Tais programas foram idealizados na estratégia de melhorias na qualidade do ensino nas escolas públicas, pois os programas são direcionados para professores alfabetizadores que atuam nas escolas públicas e conseqüentemente na investidura do

Programa É tempo de aprender. Disponível em: ¹ <http://alfabetizacao.mec.gov.br/tempo-de-aprender> acesso em 09 fev. 2021.

principal mediador desse ensino, o profissional docente. Pois está evidente a importância de investir cada vez mais nas formações de professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a formação de professores é de grande valia para o desenvolvimento profissional do docente. Salientamos que o professor deve estar em constante formação, atualização de seus conhecimentos prévios e de sua prática em sala de aula.

Em meio a Pandemia, o professor percebeu a necessidade de reinventar, ainda mais neste período de ensino remoto, causado pelo isolamento social. No mundo em que vivemos as informações chegam muito rápido e assim os professores necessitam de estar atentos a essa rapidez de informações, pois sabemos que os alunos também possuem este acesso as informações e cabe ao professor ser o mediador deste conhecimento mútuo.

Salientamos dois programas de alfabetização, com maiores destaques e oferecidos pelo governo federal nos últimos anos, em âmbito nacional, nomeados como PNAIC e o É tempo de aprender, direcionados para a formação continuada de professores e garantir melhores índices de crianças alfabetizadas.

Neste artigo, destacamos a importância de investir na formação de professores, e na intencionalidade de reforçar um olhar direcionado das políticas educacionais para ampliar e oferecer cursos de formação, para que os docentes aprimorem sua prática e ampliem seus conhecimentos. Ao exercerem seu protagonismo docente os professores e professoras do Brasil estando bem capacitados para o exercício de sua prática, ofertarão para os discentes uma educação centrada em uma linguagem inteligível e acessível a todos, mesmo em circunstâncias fenomenais como as que se nos apresenta. Ainda há um grande caminho a ser percorrido para que possamos mudar a realidade da educação brasileira e acabar com o analfabetismo absoluto e também o analfabetismo funcional. Observa-se que o governo e demais órgãos que regem e normatizam a educação no país tem investido na melhoria do ensino e ofertado capacitações por meio de programas formativos para os docentes. Salienta-se que é indispensável a continuidade nesses projetos para que se possa alcançar as metas propostas a educação. O trabalho com a alfabetização e letramento é identificado como sendo fundamental uma vez que a leitura e escrita é uma linguagem comum e essencial a todas as disciplinas da educação sistemática e um passaporte para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, F. e CONDEMARÍN, M. A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento. Trad. De Ernani Rosa. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 7. ed. Campinas: UNICAMP, s/d.

BRASIL. Ministério da Educação. Diário oficial da União – Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-280-de-19-de-fevereiro-de-2020-244584539> acesso em 29 jan de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. (s.d.). LEI N° 13.005/2014 - Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível: PNE: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> acesso em 21 de fev. 2021.

CHARMEUX, E. Aprender a ler: vencendo o fracasso. Trad. De Maria José do Amaral Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emilia. Reflexões Sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2011. 104p. Capítulo: A compreensão do sistema de escrita construções originais da Criança em formação específica dos adultos, Ferreiro e Teberosky. Pags. 43-59.

FISHER, Steven Roger. História da leitura. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a uma prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Marli André. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Rev. Educ.**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set/dez. 2010.

GERALDI, João Wanderley. Portos de Passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1997

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). Conheça o Brasil - População. Fonte: educa ibge: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>

Assessoria de Comunicação Social do Inep. (14 de Novembro de 2016). Avaliação nacional tem início nesta segunda-feira para 2,7 milhões de estudantes do terceiro ano. Disponível em: Portal Mec: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/201-266094987/41591-avaliacao-nacional-tem-inicio-nesta-segunda-feira-para-2-7-milhoes-de-estudantes-do-terceiro-ano> acesso em 27 de fev. 2021.

IDOETA, P. (2020 de Agosto de 2020). 1,5 milhão de crianças sem creches e 11 milhões de analfabetos: os desafios urgentes para o Brasil 'passar de ano' na educação. Disponível em: BBC Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53531707> acesso em 21 de fev. 2021.

KOCH, Ingedore Villaça. A inter-ação pela linguagem. 3ed. São Paulo, Contexto: 1997.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. Rev. Ciênc. Educ., Lorena, SP, n. 8, p. 7-22, jan./abr. 2009. Disponível em http://www.unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELO___Desenvolvimento_Profissional_Docente_passado_e_futuro_1386180263.pdf acesso em 09 fev. 2021.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 40, p. 143-155, jan/abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2018.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio**, 2004. Disponível em <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf> acesso em 28 de fev. 2021.

SMOLKA, A. L. (Agosto de 1995). A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. pepsic.

TOKARNIA, M. (15 de Julho de 2020). Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos> acesso em 27 de fev. 2021.

Vygotsky, L.S. (1989) *Concrète Human Psychology*. Soviet Psychology, 27(2)